

Índice

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Prefácio — A Originalidade de Maquiavel | 7 |
| O Príncipe | |
| Nicolau Maquiavel Saúda o Magnífico Lorenzo de' Medici, o Jovem | 75 |
| Capítulo I | |
| Quais os Géneros de Principados e de Que Modo Se Adquirem | 77 |
| Capítulo II | |
| Dos Principados Hereditários | 78 |
| Capítulo III | |
| Dos Principados Mistos | 79 |
| Capítulo IV | |
| Por Que Razão o Reino de Dario, Que Tinha Sido Ocupado por Alexandre, não Se Rebelou contra os Sucessores Deste depois da Sua Morte | 87 |
| Capítulo V | |
| Como Se Devem Governar as Cidades [ou Principados] Que antes de Serem Ocupadas Viviam Segundo as suas Próprias Leis | 90 |
| Capítulo VI | |
| Dos Principados Novos Conquistados com Armas e Valor Próprios | 92 |
| Capítulo VII | |
| Dos Principados Novos Conquistados com Armas e Valor Alheios | 96 |

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Capítulo VIII | |
| Daqueles Que por Atos Criminosos Chegaram ao Principado | 103 |
| Capítulo IX | |
| Do Principado Civil | 108 |
| Capítulo X | |
| De Que Modo Se Deve Avaliar a Força de Todos os Principados | 112 |
| Capítulo XI | |
| Dos Principados Eclesiásticos | 115 |
| Capítulo XII | |
| Dos Vários Géneros de Exércitos e de Tropas de Mercenários | 118 |
| Capítulo XIII | |
| Das Tropas Auxiliares, Mistas e Próprias | 123 |
| Capítulo XIV | |
| O Que Cabe a Um Príncipe quanto à Arte Militar | 127 |
| Capítulo XV | |
| Das Coisas pelas Quais os Homens e sobretudo os Príncipes São Louvados ou Vituperados | 130 |
| Capítulo XVI | |
| Da Liberalidade e da Parcimónia | 132 |
| Capítulo XVII | |
| Da Crueldade e da Piedade; e se Será Melhor Ser Amado do Que Temido, ou o Contrário | 135 |
| Capítulo XVIII | |
| Como os Príncipes Devem Honrar a Sua Palavra | 138 |
| Capítulo XIX | |
| De como Escapar ao Desprezo e ao Ódio | 141 |
| Capítulo XX | |
| Se as Fortalezas e Muitas Outras Defesas Que os Príncipes Frequentemente Fazem Serão Úteis ou Inúteis | 150 |
| Capítulo XXI | |
| O Que Deve Fazer Um Príncipe para Ser Prestigiado | 155 |
| Capítulo XXII | |
| Dos Secretários do Príncipe | 159 |
| Capítulo XXIII | |
| Como Evitar os Aduladores | 161 |
| Capítulo XXIV | |
| Por Que Razão os Príncipes de Itália Perderam os Seus Estados | 163 |

| | |
|---------------------------------------------------------------|-----|
| Capítulo XXV | |
| Do Poder da Fortuna nas Coisas Humanas e de como Lhe Resistir | 165 |
| Capítulo XXVI | |
| Exortação à Tomada da Itália e a Libertá-La dos Bárbaros | 169 |
| Pequena Nota sobre a Tradução | 173 |

NICOLAU MAQUIAVEL SAÚDA
O MAGNÍFICO LORENZO DE' MEDICI, O JOVEM

Costumam aqueles que desejam alcançar as graças de um príncipe apresentar-se perante ele o mais das vezes com aquilo que possuem de mais valioso ou que pensam poder causar-lhe mais agrado; daí que se veja muitas vezes os príncipes serem presenteados com cavalos, armas, tecidos de ouro, pedras preciosas e ornamentos similares dignos da sua grandeza. Desejando também eu apresentar-me a Vossa Magnificência com um testemunho da devoção que vos dedico, não encontrei entre os meus pertences nada que me seja mais caro ou que tanto estime quanto os meus conhecimentos sobre as ações dos grandes homens, adquiridos através de uma longa experiência das coisas contemporâneas e do continuado estudo das antigas, as quais, tendo-as eu demoradamente ponderado e analisado, e agora condensado num pequeno volume, envio a Vossa Magnificência. E, muito embora considere esta obra indigna de vos ser apresentada, confio todavia que graças à vossa sensibilidade e grandeza possa merecer aceitação, tendo em consideração que da minha parte nenhum maior oferecimento seria possível do que este que vos faculta num brevíssimo espaço de tempo poder entender tudo aquilo que eu, ao longo de tantos anos e com tantos sacrifícios e perigos, vim a conhecer e compreender. Não adornei nem recheei a minha obra de frases elaboradas e palavras pomposas e magníficas ou de quaisquer outros artifícios e ornamentos supérfluos, com os quais muitos usam apresentar e embelezar aquilo que fazem, pois foi meu intento que nada mais a distinga e a torne grata senão a variedade

das matérias e a seriedade do assunto tratado. Tão-pouco desejo que se veja como presunção que um homem de baixa e ínfima condição ouse discorrer e prescrever regras para o governo dos príncipes; porque, tal como aqueles que desenham a paisagem se colocam nos plainos para avaliar a natureza dos montes e das elevações, e para avaliarem a das planuras sobem ao alto dos montes, do mesmo modo, para conhecer bem a natureza do povo, é preciso ser príncipe e, para conhecer a dos príncipes, convirá ser homem do povo.

Queira pois Vossa Magnificência receber esta pequena oferenda com o espírito com que a envio; nela reconheceréis, se diligentemente lida e considerada, o meu profundo desejo de que alcanceis aquela grandeza que a fortuna e as vossas demais qualidades vos prometem.

E, se do ápice das vossas alturas Vossa Magnificência alguma vez volver os olhos para estes baixos lugares, reconhecerá quanto me é dado suportar imerecidamente uma grande e continuada malignidade da fortuna.

CAPÍTULO I

QUAIS OS GÊNEROS DE PRINCIPADOS E DE QUE MODO SE ADQUIREM

Todos os estados e todos os domínios que tiveram e têm poder sobre os homens eram e são ou repúblicas ou principados. E os principados ou são hereditários, quando há muito tempo o príncipe é do mesmo sangue do seu senhor, ou são novos. E os novos, ou são completamente novos, como o foi Milão para Francesco Sforza, ou são como membros acrescentados ao estado hereditário do príncipe que os conquista, como o é o reino de Nápoles para o rei de Espanha. Os domínios assim adquiridos ou estão acostumados a viver submetidos a um príncipe ou habituados a serem livres; e são adquiridos ou com o recurso a armas alheias ou com armas próprias, ou graças à fortuna ou à coragem.

CAPÍTULO II

DOS PRINCIPADOS HEREDITÁRIOS

Deixarei aqui de fora as repúblicas, de que já tratei demoradamente noutra ocasião. Apenas me ocuparei do principado e irei tecendo os fios atrás propostos e discutirei como governar e manter tais principados.

Digo então que, nos estados hereditários e acostumados à linhagem do seu príncipe, são muito menores as dificuldades em mantê-los do que no caso dos novos, pois que basta não descurar os preceitos dos seus antepassados e adaptar-se depois aos acontecimentos; de tal modo que, dotado que seja de mediano engenho, tal príncipe sempre se manterá no poder, a menos que dele o prive alguma força excepcional e desmedida. Mas, mesmo que dele privado, o primeiro revés sofrido pelo usurpador permitir-lhe-á reconquistá-lo.

Temos em Itália o exemplo do duque de Ferrara, que, se em 1484 pôde resistir aos assaltos dos venezianos, e aos do papa Júlio II em 1510, foi apenas por o seu domínio ser aí antigo. Porque o príncipe por nascimento tem menos razões e menos necessidade de ofender, pelo que se torna mais amado; e, a menos que quaisquer extraordinários defeitos o tornem odiado, é naturalmente de esperar que seja benquisto pelos seus. E com a antiguidade e continuidade da dominação apagam-se as lembranças e as razões para inovações: porque sempre cada mudança deixa uma espera para a edificação da seguinte.

CAPÍTULO III

DOS PRINCIPADOS MISTOS

Mas é no principado novo que residem as dificuldades. Primeiro porque — no caso de não ser completamente novo, mas sim acrescentado como um membro a outro já existente, de tal modo que se pode chamar misto ao conjunto assim formado — há desde logo uma causa de perturbações devido a uma dificuldade natural, comum a todos os principados novos: é que os homens de bom grado mudam de senhor, crendo assim melhorar a sua sorte, sendo que tal crença os leva a tomar armas contra o seu senhor. No que se enganam, pois que a experiência lhes mostrará ter antes piorado. Decorre isto da natural e usual necessidade de penalizar os novos súbditos a que sempre se vê forçado o novo príncipe, tanto com as suas tropas como com os inúmeros agravos que uma nova conquista sempre arrasta atrás de si. De tal modo que tem por inimigos todos aqueles que prejudicou ao ocupar o principado, e não pode manter como amigos os que o ajudaram a tal, por não ser possível satisfazê-los tanto quanto esperavam e não poder usar contra eles medidas duras, pois que lhes está obrigado; porque, por mais fortes que sejam os exércitos de que alguém dispõe, sempre precisará do favor dos naturais para entrar numa província. Por estas razões, Luís XII, rei de França, ocupou rapidamente Milão e rapidamente a perdeu; a primeira vez, bastaram apenas as forças de Lodovico para o reconquistar, pois que aqueles mesmos que lhe tinham aberto as portas, vendo terem-se enganado nas suas opiniões e quanto